



## ***Introdução***

Eu sempre achei as pautas desprezíveis. Sentia tédio quando o editor me chamava e me entregava uma pauta para preparar uma determinada matéria. Primeiro porque frustrava a minha capacidade de criação e segundo, porque via naquela atitude um cerceamento, uma limitação de conteúdo, como quando no tribunal o juiz diz ao depoente “limite-se a responder apenas o que eu lhe perguntar”. Uma grosseria, pois creio que a melhor maneira de se chegar à verdade é deixando nosso interlocutor à vontade.

Da mesma forma, isso me transportava aos oito ou nove anos de idade, quando de maneira irresponsável eu ia a contragosto, ao mercadinho, para minha mãe, e ela me fazia repetir diversas vezes o que era para eu comprar, sempre acrescentando um *não esqueça* ao final da frase.

Então, comecei a escrever dois tipos de matéria, a obrigatória, aquela da pauta e outra de comentários e fatos assistidos ou vividos, no local onde ocorria o evento objeto da reportagem. Estas eu conservava. Cheguei num limite que não tinha mais onde guardar tantos apontamentos e outras tantas pérolas, e comecei então uma nova etapa da minha vida: escrever um livro a partir daquelas anotações. Deparei-me, então, com uma nova situação: algumas narrativas que na época em que foram escritas me causaram sensação, agora faziam parte da mesmice do dia a dia.

Uma boa parte foi para o lixo.

E o meu livro foi tendo a sua estréia prorrogada a cada mexida de gaveta.

Nestes dias, bons e úteis anos depois, caminhando pela praia, e entusiasmado com a paisagem, imaginei como seria se eu misturasse alguns fatos reais com ficção e decidi partir para este que eu considero apenas um ingênuo romance, mas um belo filho.

Dedico  
À minha, sempre linda, família,  
pela tolerância;  
aos amigos,  
que fizeram da ficção esta realidade,  
e a você minha filha  
Natalie,  
que nunca misturou realidade com ficção.

- Hoje vou dar um basta em tudo isso!

Dago que viajava comigo, tenta, em vão, mudar a minha opinião e aconselha:

- Pense bem, não vá tomar decisões precipitadas. Tente primeiro conversar com ela e ver o que realmente aconteceu e depois...

Com ouvidos moucos e fazendo do silêncio um confidente aliado, nunca mais tornei a vê-la, até hoje... Vinte e tantos anos depois.

Maitê está a minha frente!

Dago mudou-se para a Suíça, falei pouquíssimas vezes com ele, mas mesmo à distância acompanhei, com orgulho fraternal, seu sucesso profissional e, Segóvia, tenho certeza, “olha-o” com sentimento de dever cumprido por ter legado a ele, o seu talento musical.

## *A viagem*

Conheci Maitê, numa madrugada enluarada, véspera de carnaval, numa situação até então inusitada. Viajamos de carona, Dago, Paulo, Róbson e eu.

Saímos de São Paulo e começamos nossa empreitada a beira da rodovia Anhanguera, no bairro da Lapa.

Dago, sempre extrovertido e falastrão, acabara de chegar da Bahia, de onde viera “pegando carona” e suas narrativas sobre a tal aventura nos enchia de entusiasmo. Nós, ouvindo-o, nos sentíamos como se estivéssemos praticando o maior dos esportes radicais. Era pura adrenalina e assim planejamos nossa viagem.

Paula, Beto e Elena viajaram antes da gente, de carro com a família. Aliás, nós iríamos nos hospedar na casa dos parentes da Paula e do Beto, que moravam em Santa Cruz e já criavam expectativa sobre a nossa chegada.

Nosso primeiro caroneiro foi um jovem que ia até Limeira, quase a metade do nosso trajeto. Demos sorte. Tratava-se de um jovem que anos antes costumava usar da mesma artimanha para se deslocar da capital para o interior. Conversamos bastante, contamos piada e Dago, sempre sorridente e viajando a frente, pois tinha sempre a mão seu melhor companheiro, o violão, não cansava de repetir suas aventuras pela Bahia.

Paramos num posto de gasolina e de pronto conseguimos nova carona, desta feita para Araras, com um médico, que a princípio pareceu-nos assustado com os quatro caronistas, agora já descabelados e meio inseguros com relação ao destino final. Mesmo assim, conversando menos que o primeiro, tão logo pegou a estrada, fez questão de apontar para o horizonte e nos dizer:

- Vocês estão vendo aquelas terras adiante, até onde as vossas vistas alcançam?

Nós respondemos afirmativamente e ele:

- São minhas...

Sentimo-nos humilhados.

Que lástima!

Fomos pedir favor a um latifundiário, cuja atividade, nos bancos escolares, nós criticávamos tanto. Com certeza ele nem conhecia ou ao menos nunca haveria de percorrer todo aquele mundo que lhe pertencia.

Um filme passou pelas nossas cabeças.

Dali até Santa Cruz foi um pulo.

Literalmente um pulo, pois foi num jipe quase sem freios, volante com folga, desalinhado, sujo e cujo motorista era natural da cidade, portanto conhecia o caminho, esse era o único pretexto que nos transmitia segurança. Para descontrair, engatilhamos um jogo de futebol de salão contra o time deles para o sábado seguinte. Ele, mais o colega que o acompanhava, não iriam entrar na cidade, pois já passava da uma da manhã, e estavam atrasados para uma noitada previamente combinada numa cidade vizinha, e deixaram-nos, então, na entrada de Santa Cruz.

A alternativa que nos restou foi pegar um táxi de um motorista que conhecesse a residência da família que nos hospedaria e assim gastamos nossas primeiras economias. O taxista levou-nos até a Praça da Matriz e lá perguntou a um conhecido seu, sobre o endereço que precisávamos. Ele incontinenti apontou-nos a casa. Descemos ali mesmo. O conhecido dele tinha o apelido de Bujão.

Dias mais tarde, nós nos encontramos com ele, por acaso, e o chamamos pelo cognome, ele abruptamente olhou-nos e surpreso perguntou-nos:

- Como vocês me conhecem?

Nós voltamos à fita e dissemos que fora ele que nos indicara a casa que procurávamos. Ele, sem entender absolutamente nada, disse:

- Mardita oreia, todo mundo mi conhece por causa delas e eu num lembro de ninguém.

Aí descobrimos, também, que naquela noite ele estava completamente embriagado. Dormira na praça.

Nós chegamos a casa, estava tudo apagado. Todos dormindo. Nem uma vela de plantão. Pulamos o muro e de baixo de uma das janelas iniciamos bem baixinho uma serenata ao som do violão sempre afinado de Dago. Poucos segundos depois, a janela se abre. Eu, providencialmente, acendo o isqueiro para iluminar o ambiente e acabo ofuscado por um brilho de olhar que até então eu nunca tivera experimentado em meus quase dezessete anos de idade. Era Maitê, morena, cabelos longos e soltos e olhos verdejantes que dividiam um sorriso meigo num rosto totalmente harmônico. Uma beleza escultural. Minha garganta secou. Com ela, tinham mais duas

meninas, não sei ao certo quem eram, provavelmente suas irmãs, nem perguntei depois. Meus olhos fixaram-se apenas nela.

Não consegui raciocinar sobre o que deveríamos fazer, perdi a noção de tempo, espaço. Isso significava perigo à vista, pois eu exercia uma espécie de liderança sobre o meu pequeno grupo, mesmo sendo o caçula dos quatro.

Da padaria quase vizinha, o cheiro de pão fresco aguçava nosso olfato. Num lampejo de sorte, bati na porta que dava acesso ao forno e pedi ao padeiro se ele poderia nos “vender” alguns pãezinhos.

Providencialmente ele me trouxe meia dúzia deles e nada cobrou.

Voltei a casa e lá Maitê já me esperava com uma bandeja de escabeche. Fartamo-nos e devido ao desagradável infortúnio da hora, decidimos dormir na escola pública. Pulamos o muro e lá passamos a noite, nos vestiários, acomodados em nossos sacos de dormir. Pela manhã, ao som dos latidos dos cachorros da vizinhança, acordamos e voltamos para a casa das meninas, onde a mãe de Maitê já havia transformado a garagem em um quarto de hóspedes.

Mais tarde, soubemos, que a polícia, a partir de denúncia anônima, estivera na escola pública a procura de “vândalos” que invadiram a escola durante a noite. Nosso currículo estava sendo aos poucos delineado.

## *A espera pelo baile*

Nosso dia transcorreu dentro da normalidade esperada. Não fosse a curiosidade natural dos vizinhos e a bagunça que provocávamos sem motivo aparente, nada seria despercebido senão o meu ar de menor carente abandonado e uma apreensão pela presença inconstante de Maitê. Era inevitável. Todos, irremediavelmente, começavam a me questionar sobre o que acontecera comigo. Desde a noite anterior eu me mostrava desatento, distante e olhar fixo como que a admirar uma paisagem nova.

Eu, que participava de tudo, opinava, debochava, de repente me tornei calado.

Comecei a experimentar o gosto da solidão.

Em vão. Ninguém me deixava só.

Simulei cansaço, tentei cochilar usando o pretexto de que a noite seria longa, mas nada. O mínimo que consegui foi sentar-me na varanda da casa da Tia Irene, que era em frente ao nosso aposento, do outro lado da rua e iniciar com ela, uma conversa que tempos depois serviu para solidificar a nossa amizade.

Tia Irene era aquilo que definíamos como “tudo de bom”; agradável, boa prosa, amiga e conselheira.

A primeira noite de carnaval seria mesmo a minha primeira noite, pois até então eu só tinha participado de matinés.

Por instantes, eu imaginava minha mãe preocupada com a minha chegada em casa, dando plantão na janela e pedindo aos seus santos de devoção que intercedessem pela minha integridade.

Será que ela tinha idéia, também, que eu estava me apaixonando? Se sim, porque não me alertara? Tivesse me dito, ao menos, que quando isso me acontecesse sentiria, em lapsos, friozinhos na barriga que subiriam até o pescoço e desceriam com velocidade maior, sempre que o meu pensamento viajasse até a pessoa amada.

A resposta eu tinha, bastava não pensar nela. Mas como? Maitê não saía do meu pensamento e aos poucos estava sendo tatuada em meu coração.



## *O baile*

Não fomos os primeiros a chegar ao baile. Afinal, éramos unidos e também precisávamos discutir por algo banal, como que roupa vestir! As nossas discussões serviam de ganchos para gozações imediatas e futuras principalmente.

Róbson era especialista nisso. Sabia ouvir com técnica apurada e mais tarde quando ninguém esperava ele soltava uma pérola que levava todos ao delírio. Ele ria de si mesmo e tanto que por vezes acabava sentando-se no chão com dores de barriga.

Róbson, anos mais tarde, morreu de overdose.

Na entrada do clube, com o baile em andamento, estávamos os quatro enfileirados, quando ouvi de forma sonora:

- O Zeca chegou!

Fiquei confuso e percebi que todos ouviram tanto quanto eu, mas eu já tinha tantas interrogações em minha cabeça que achei melhor, naquele momento, não acrescentar mais nada ao meu seletor e anônimo sonho de amor.

Eu ouvira meu nome em alto e bom som, mas não pude definir se fora Maitê quem o pronunciara.

O salão estava bem decorado, serpentinas e confetes aos baldes. Cada mesa tinha um bom bocado delas ao centro. Os casais naturais já pulavam e dançavam descontraidamente, os que iriam se formar mais tarde ou nas noites seguintes formavam blocos.

Dago, Paulo e Róbson se juntaram a Paula, Beto e Elena, mais as nossas convivas e não se largaram mais durante toda a noite. Não deixaram de testemunhar sequer uma marcha tocada pela pequena e barulhenta orquestra que tocava seguidamente.

Eu fui à mesa de Tia Irene, cumprimentei-a e sentei-me ao seu lado. De repente, alguém me toca no ombro e me convida para dançar. Era Maitê. Meu coração acelerou tanto que a boca secou como na noite anterior. Agarrei o copo de uísque que Tia Irene tomava e de um gole entornei o que sobrava no copo.

Começamos a dançar, mudos, a música alta impedia-nos de entendimento diferente, nossos olhares se cruzavam, os olhos dela penetravam nos meus. Uma felicidade incontida tomava conta de

mim, mas eu não podia declinar meu amor por ela. Eu morava longe dela, como iríamos nos ver? Eu, que tivera outras namoradas, me considerava possessivo e não suportaria ficar distante de alguém que amasse.

Ao som de *Mamãe eu quero*, ela abraçada em mim, chega perto do meu ouvido e muda a letra da música para *eu tenho uma **cunhada** que se chama Ana*.

Foi a deixa.

Ela já sabia tudo a meu respeito, conhecia até a minha família, as meninas já haviam contado a ela. Ela estava realmente interessada em mim. Maitê tinha 18 anos completos.

Deixamos o salão, fomos até a beira da piscina e nos beijamos longamente. Ela era diferente em tudo até o seu beijo era especial. Ela abria a boca aos poucos e encaixava seus lábios carnudos de forma a causar êxtase. Era sufocante e prazeroso.

Passamos a noite, juntos. Conversamos bastante, dançamos, cantamos, pulamos e ninguém opinou sobre o nosso namoro. Parece que era algo notório e não causou estranheza nem a família dela, nem aos meus amigos. Até o pai dela, que falava pouco ou quase nada começou a dialogar comigo.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

